



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA ANTONIA BATISTA DE ARAÚJO**

**DESAFIOS E ALTERNATIVAS DA ALFABETIZAÇÃO APLICADA AO ENSINO  
REMOTO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UMA PESQUISA COM  
PROFESSORES ALFABETIZADORES**

**BRASÍLIA/DF**

**2022**

**Maria Antonia Batista de Araújo**

**DESAFIOS E ALTERNATIVAS DA ALFABETIZAÇÃO APLICADA AO  
ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UMA  
PESQUISA COM PROFESSORES ALFABETIZADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção da conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira.

**BRASÍLIA/DF**

**2022**

## **MEMORIAL**

### **Como minha vida escolar e familiar me constituem?**

Em minha constituição como ser, família e escola andam lado a lado, ambas com uma enorme importância. No meu âmbito familiar, minha mãe tem grande relevância em minha formação, sempre me deu total apoio e nunca abriu mão de me ajudar na vida acadêmica, constantemente investiu na minha discência. Devido ao fato de não ter as mesmas oportunidades da qual eu tive, e, por isso, não ter tido um futuro diferente do que esperava, ela não queria que eu passasse pelo mesmo. A todo o tempo me aconselhava e retratava a realidade dela, para que eu pudesse me inspirar positivamente.

Outra figura familiar importante, se chama Daniela, 33 anos, uma prima que é formada em pedagogia. Sempre me inspirei na forma como ela levava e conduzia sua docência, com muito amor, cuidado, responsabilidade e um brilho nos olhos inspirador. Raramente eu a via triste ou com olhar de preocupação e desespero com relação à profissão. Então, posso dizer que ela é umas das pessoas que me inspirou e tem uma parcela positiva na escolha do meu curso. Espero conduzir a docência da mesma forma que Daniela.

Agora falando de trajetória escolar, comumente tive aulas com bons professores, mas uma que me marcou bastante e buscarei me inspirar, foi a professora Juliane. Lembro-me até hoje de suas aulas e de sua didática que sempre me deixava apaixonada. Uma de suas práticas educativas era a leitura de um livro, uma vez por semana, o nome da obra era “As crônicas de Nárnia”, então ela lia e todos os alunos ficavam vidrados, pois se tratava de um exemplar que a cada término da leitura deixava o suspense e uma vontade imensa de que a próxima semana chegasse para a professora Juliane dar continuidade à leitura.

Portanto, acredito que a parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo. Assim, é compreensível a relevância de pais e professores, ambos ensinam e educam, mas cada um com sua importância e desempenho.

### **Que pedagoga pretendo ser?**

Desde que fiz a minha escolha pelo curso eu busco ser uma pedagoga, ainda em formação, que além de atuar futuramente em escola ou sala de aula pública, buscarei me constituir além das quatro paredes, tem que ir adiante, acima de tudo, precisa estar acompanhando tudo à volta. A história muda a cada dia, não deixando para trás as raízes, mas

sim atualizando nossos conhecimentos e aprendendo a cada dia um novo jeito de compreender a vida.

Eu, como futura pedagoga, pretendo formar cidadãos críticos capazes de mudar a sociedade em que vivemos. Acreditando sempre que a profissão necessita de amor, respeito e responsabilidade. Acredito bastante na teoria de Paulo Freire e buscarei praticá-la, em que ele diz que não há docência sem discência. Freire deixa claro que o professor deve ser um grande aprendiz e estar aberto a aprender com a realidade de seus educandos. Portanto, essas são algumas vertentes que buscarei seguir como pedagoga.

### **Com que corrente me identifico?**

Eu partilho da concepção da corrente humanista, onde o indivíduo é a peça chave e principal colaborador da construção dos saberes humanos, de modo que toda ênfase é referida a vida emocional e psicológica do aluno, bem como em suas relações interpessoais. O professor é um facilitador, um orientador para levar o conhecimento ao aluno, cultivando as experimentações práticas junto com os próprios educandos.

Na escola humanista, o ensino procura gerar um ambiente propício à aprendizagem, fazendo com que todos os alunos participem do processo educativo. Preocupa-se, igualmente, com a promoção da capacidade de auto aprendizagem do aluno, com vista a acelerar o seu desenvolvimento intelectual e afetivo, valorizando a autonomia e a autodeterminação. Pensar a minha formação enquanto pedagoga me leva a refletir sobre a importância da docência na sociedade e no momento histórico do qual estou fazendo parte. A prática pedagógica me leva a considerar a quão significativa e indispensável se faz a construção coletiva de conhecimentos, no estabelecimento de um diálogo ativo e participativo com os alunos, pais, diretores, coordenadores e todos que estão envolvidos na constituição social.

A vivência no curso de pedagogia me fez perceber que a parte teórica vista no curso, a partir de grandes autores como: Vygotsky, Piaget, Paulo Freire, Emília Ferreiro, entre outros, serviram de base e norte para fundamentar minha prática. Porém, a execução requer muito além do lado teórico que se vê enquanto se está em quatro paredes, exige também uma realidade distinta do que se lê em teorias e o que se vê e se vive em determinado campo educativo.

Com isso, pude notar que o ato de educar deve ser intencional e responsável, pensando sempre de que forma a minha prática poderá contribuir para que a aprendizagem dos meus alunos aconteça significativamente, colaborando para o melhoramento deles enquanto pessoa, para a autonomia, para a criticidade e para que eles se percebam enquanto atores sociais,

construtores da própria história. Assim, construirei minha prática na concepção Freireana, em que Freire explica, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.39).

## DESAFIOS E ALTERNATIVAS DA ALFABETIZAÇÃO APLICADA AO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UMA PESQUISA COM PROFESSORES ALFABETIZADORES

Maria Antonia Batista de Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Tendo em vista a problemática sobre de que forma o ensino remoto contribuiu para os desafios e dificuldades perpassados na alfabetização de crianças de uma escola pública do Distrito Federal e quais foram as possibilidades e alternativas tomadas para facilitar esse processo, este trabalho justifica-se por mostrar a realidade vivenciada pelos professores alfabetizadores durante o período de ensino remoto, ocasionado pela pandemia de covid-19. O estudo trata sobre os desafios e alternativas da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19. Para tanto, foi necessário analisar os desafios encontrados na implantação das atividades remotas para o processo de alfabetização, investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores no ensino remoto e constatar quais foram os suportes utilizados no ensino remoto para o processo de alfabetização. Realizou-se, então, uma pesquisa de cunho qualitativo com a colaboração de três professores alfabetizadores de uma escola pública do Distrito Federal. Com o intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório. Diante disso, verificou-se que o processo de alfabetização durante o ensino remoto contribuiu significativamente para os desafios perpassados na apropriação de leitura e escrita de crianças, dificultando o processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Pandemia; Ensino remoto.

**ABSTRACT:** In view of the problem of how remote teaching contributed to the challenges and difficulties faced in the literacy of children in a public school in the Federal District and what were the possibilities and alternatives taken to facilitate this process, this paper is justified by showing the reality experienced by literacy teachers during the period of remote teaching, occasioned by the covid-19 pandemic. The study deals with the challenges and alternatives of literacy teaching applied to remote teaching during the covid-19 pandemic. To do so, it was necessary to analyze the challenges encountered in the implementation of remote activities for the literacy process, to investigate the main difficulties faced by literacy coaches in remote teaching, and to ascertain what supports were used in remote teaching for the literacy process. A qualitative research was then carried out with the collaboration of three literacy teachers from a public school in the Federal District. With the purpose of getting to know the problematic about the study area, an exploratory research was carried out. Therefore, it was found that the literacy process during the remote teaching contributed significantly to the challenges in the appropriation of children's reading and writing, hindering the teaching-learning process.

**Keywords:** Literacy; Pandemic; Remote Learning.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade de Brasília. E-mail: mariaantonia862@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A situação pandêmica vivenciada pelo Brasil desde o início de 2020 tem trazido e evidenciado diversas mudanças na rotina dos brasileiros. As práticas sociais de convivência tiveram de ser adaptadas para que o contágio pela doença fosse freado, ocasionando então o fechamento de escolas em todo o país.

Sendo assim, as instituições sofreram grande impacto e foram obrigadas a adaptar a forma de condução de seus processos. A escola, em especial, precisou redimensionar e adequar-se no que se refere à maneira de interagir com os estudantes e modificar seu processo de ensino-aprendizagem. Uma dessas formas foi a utilização do ensino remoto, através de plataformas digitais, ou não, sendo algumas delas: comunicação via *WhatsApp*, aulas online por chamadas de vídeo, gravações de aulas feitas pelos professores que eram encaminhadas aos alunos - algumas secretarias de estados criaram suas próprias plataformas - e até mesmo a impressão de atividades que eram entregues nas casas dos alunos. Toda essa adaptação de escolas ocorreu para que de algum modo os alunos fossem atendidos, mesmo que à distância.

Este trabalho justifica-se por analisar como a pandemia impactou na alfabetização no DF, já que são poucas as pesquisas deste tipo. Como já é sabido, as ondas<sup>2</sup> do vírus sobem e descem, fazendo com que as aulas presenciais tenham sido suspensas por um longo período. Dessa forma, o trabalho poderá contribuir para que conheçamos a realidade vivenciada por alunos e professores durante o trabalho remoto, oferecendo uma percepção da realidade imposta pelo ensino remoto nas turmas de alfabetização e em como se deu esse processo.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é identificar os desafios e as estratégias da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19 junto às turmas de alfabetização de uma escola pública do Distrito Federal. Portanto, o trabalho aponta as falhas e lacunas do ensino remoto e apresenta também as estratégias que os alfabetizadores utilizaram para a alfabetização no ensino remoto. De forma mais específica, buscou-se analisar os desafios encontrados na implantação das atividades remotas para o processo de alfabetização, investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores no ensino remoto, constatar quais foram os suportes utilizados no ensino remoto para o processo de alfabetização.

A organização do trabalho foi distribuída em seções. Na seção 2, trata-se da pandemia e seu impacto no contexto escolar, assim como os decretos, documentos e notas que

---

<sup>2</sup> Considera-se "ondas" o aumento de casos ocorrido em alguns períodos da pandemia de covid-19. No Distrito Federal tivemos quatro momentos críticos, que se pode considerar como 4 ondas de covid-19.

suspenderam as aulas presenciais. A seção 3 aborda o processo de alfabetização em contexto de pandemia. Na seção 4, aborda-se as estratégias de alfabetização em contexto presencial e em como se deu a utilização no ensino remoto. As seções 5 e 6 tratam-se da metodologia de pesquisa e, conseqüentemente, da apresentação dos resultados.

## **2 PANDEMIA E SEU IMPACTO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Diante da eventual crise pandêmica vivenciada por milhares de brasileiros, o distanciamento social passou a ser uma estratégia emergencial adotada por diversos estados. Escolas em todo o país aprovaram medidas necessárias para que de fato o vírus não circulasse nesses ambientes e as pessoas não fossem contaminadas. Em virtude disso, o Distrito Federal também legitimou a crise de saúde existente no Brasil, optando pelo fechamento das escolas. Tal medida foi validada através de decretos que suspenderam as aulas presenciais em todas as regiões administrativas do DF. Perante o exposto, foi em 11 de março de 2020, que Ibaneis Rocha, atual governador do Distrito Federal, publicou o decreto de nº 40.509 (DISTRITO FEDERAL, 2020a), que previa medidas de enfrentamento à pandemia, assim como também a suspensão de aulas em escolas, universidades, faculdades e instituições de ensino públicas e privadas.

Em virtude do avanço do contágio causado pela pandemia e do impacto desse contágio para os sistemas de saúde pública, novos decretos precisaram ser publicados, uma vez que o decreto de nº 40.509 previa o fechamento das instituições por apenas cinco dias. Mas a pandemia não desacelerou, fazendo então com que novos decretos surgissem, sendo alguns deles: decreto nº 40.539, que assegurou a antecipação do recesso escolar; decreto nº 40.583 (DISTRITO FEDERAL, 2020b) - prevendo então a prorrogação de suspensão de aulas em todo o âmbito do DF até 31 de maio de 2020. Em vista disso, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) recomendou às escolas algumas possíveis estratégias para lidar com a emergência de saúde pública enfrentada.

Dessa forma, no início de junho, mais precisamente no dia 03 de junho de 2020, ainda com o vírus circulando de forma agressiva em todo o DF, o até então secretário de educação do Distrito Federal, João Pedro Ferraz, anuncia, por meio de videochamada, a retomada das aulas de forma não presencial. Ainda de acordo com as recomendações e atitudes da SEEDF, dentre elas algumas ações descritas abaixo, que foram disponibilizadas e sugeridas a professores e alunos:

Tele aulas e vídeos educativos para todas as etapas e modalidades, além de conteúdos para a formação de professores, pelas TVs Justiça e Gênesis. Todos os vídeos estão



disponíveis no canal do YouTube da SEEDF. Estudantes do Ensino Médio têm conteúdos para todos os componentes curriculares por meio da plataforma Google Sala de Aula. A partir do dia 29 de junho, o trabalho escolar deu-se por aulas em plataforma, por televisão e material impresso aos estudantes que não têm internet. Aos estudantes de baixa renda, o governo anuncia que irá fornecer internet gratuita para acesso à plataforma. (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 30).

Em junho de 2020, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito federal divulgou um plano para a realização das atividades pedagógicas não presenciais na rede pública de ensino, tendo como justificativa:

O contexto de isolamento social causado pela pandemia do covid-19 e a consequente suspensão das atividades escolares presenciais sendo fatores que podem ampliar a situação de injustiça social no que diz respeito ao acesso ao conhecimento historicamente acumulado pela humanidade. Diante disso, a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal assume o dever de amenizar os impactos que um período relativamente longo de interrupção de rotinas pedagógicas presenciais pode causar aos estudantes, especialmente àqueles em situação de maior vulnerabilidade social. (DISTRITO FEDERAL, 2020c, p. 06).

As prescrições da SEEDF foram contínuas, sendo diversas as instruções publicadas em seu site frente à crise da covid-19 e o isolamento social provocado pela mesma, sendo o foco principal delas os alunos e professores. Para isso, foi fundamental a criação de documentos que pudessem ilustrar os caminhos e trajetos a serem trilhados a partir da nova realidade imposta pelo vírus. Na orientação que se refere aos professores, houve a seguinte instrução:

Senhor (a) professor (a), no contexto de isolamento e distanciamento social, em que somos impulsionados a nos reinventar, é possível assumir posições construtivas, a fim de garantir o direito às aprendizagens dos estudantes. Nesta nova situação, lembre-se de que é você, e não a tecnologia, quem realiza a mediação do conhecimento junto aos estudantes. Portanto, esta é uma oportunidade para aperfeiçoar suas habilidades como educador. (DISTRITO FEDERAL, 2020d, p. 02).

No documento orientador direcionado aos alunos, a Secretaria de Educação explana a importância de se reinventar e aprender, mesmo que para isso tenha-se que adequar as formas de ensino-aprendizagem. No que tange a isso, a SEEDF assegurou que:

É tempo de recomeçar as aulas, superar dificuldades e vencer desafios. Trata-se de uma situação totalmente incomum, pela qual você e seus professores jamais passaram. Assim sendo, iniciaremos uma nova fase na rotina escolar e no modo de ensinar e aprender. Isso quer dizer que você continuará seus estudos e os seus professores continuarão a ministrar as aulas, porém de uma forma diferente daquela utilizada até então, pois o retorno às aulas em 2020 acontecerá de forma não presencial para todos os estudantes da rede pública de ensino do Distrito Federal. (DISTRITO FEDERAL, 2020e, p. 03).

Em vista do histórico apresentado, os documentos, decretos, orientações e instruções, que foram direcionadas a discentes e docentes, foram ferramentas importantes de orientação a respeito da retomada do ano letivo, mesmo que de forma remota. Portanto, sabe-se que o

impacto causado pela crise sanitária do coronavírus trará uma necessidade de que se encontrem soluções e possíveis estratégias para que estudantes não sofram com agravamentos no processo de retomada do ensino e aprendizado de forma presencial.

### 3 ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO DE PANDEMIA

A partir da realidade imposta pela pandemia em escolas e instituições em todo o Brasil e no Distrito Federal, o processo de ensino e aprendizagem foi significativamente comprometido, pois o enfrentamento à crise pandêmica impôs, mesmo sendo por um determinado período, que crianças, adolescentes, jovens, adultos tivessem de se adaptar a forma de aprendizagem. Com os professores não foi diferente, a realidade do ensino remoto comprometeu os métodos e técnicas previamente utilizados durante as aulas presenciais. Dessa forma, os conhecimentos tiveram de ser transmitidos por meio das mídias sociais.

Diante disso, as professoras e professores alfabetizadores tiveram de adotar medidas e estratégias para que as crianças pudessem apropriar-se do sistema de escrita e leitura. Mas, é notório que para que a alfabetização ocorra de forma plena e significativa, tem-se alguns aliados, sendo eles: interações sociais e práticas sociais. Val (2006, p. 19), explana a “apropriação da escrita como um fenômeno complexo e multifacetado, envolvendo o domínio do sistema alfabético/ortográfico; a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas.” Portanto, irá definir alfabetização como sendo:

[...] o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, a alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 19).

Magda Soares compreende a alfabetização como “o processo de apropriação da tecnologia da escrita, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita.” Ou seja, é apropriar-se do domínio da escrita alfabética, assim como do conhecimento das regras do sistema de escrita, da utilização dos instrumentos de escrita, adquirir modos de escrever e ler, manipular correta e adequadamente os suportes de leitura e escrita. (SOARES, 2020, p. 27).

Ainda pontuando conceitos de autores acerca da alfabetização, Galvão e Leal (2005, p. 14) irão utilizar-se da concepção da alfabetização como sendo um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita. Portanto, para as autoras, o procedimento de aquisição da escrita se dá:

Para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que o desafiem, que coloquem a necessidade da reflexão sobre a língua, que o leve enfim a transformar informações em conhecimento próprio. É utilizando-se de textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros gêneros, que os alunos podem aprender muito sobre a escrita. (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 14-15).

As autoras defendem que a questão dos métodos de alfabetização não pode ser tratada de forma isolada. Para ambas, o método é um caminho que conduz a um fim determinado, podendo, então, ser compreendido também como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de se chegar a um objetivo. Acerca dos métodos, Galvão e Leal (2005) explicitam que:

No campo científico, ele é entendido como um conjunto de procedimentos sistemáticos que visam ao desenvolvimento de uma ciência ou parte dela. No sentido aqui empregado, o método de alfabetização compreende o caminho (entendido como direção e significado) e um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita. (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 17).

No que se refere aos métodos, Galvão e Leal (2005) elucidam a divisão dos mesmos em três grandes grupos, são eles: métodos sintéticos, analíticos e os analíticos-sintéticos. Assim, cada um possui sua variação, clarificando então suas características.

Os métodos sintéticos “preveem o início da aprendizagem a partir dos elementos estruturalmente “mais simples”, isto é, letras, fonemas ou sílabas, que, através de sucessivas ligações, levam os aprendizes a ler palavras, frases e textos.” (GALVÃO; LEAL, 2005, p.18). Porém, as autoras fazem algumas críticas com relação a estes métodos, uma vez que a abordagem tem como características a concepção básica que a aprendizagem ocorre por memorização, bem como a alfabetização também assim ocorrerá. Por fim, salientam que:

[...] as abordagens sintéticas parecem ignorar, definitivamente, o caráter significativo da escrita no seu processo de aquisição, o que provavelmente implica uma desmotivação para tal aprendizagem, além de não contribuir para auxiliar a criança a perceber a funcionalidade desse objeto para o cotidiano. (GALVÃO; LEAL, 2005 p. 20).

A metodologia analítica parte de “um conjunto de palavras reconhecidas globalmente, através da memorização, e, quando a criança aprende uma pequena quantidade de palavras, elas são apresentadas em combinações diferentes para construir sentenças significativas.” (GALVÃO; LEAL, 2005, p.20). Finalmente, os métodos analíticos-sintéticos partem “em um estágio de conhecimento global (palavras, frases, textos), para, logo em seguida, passar a um estágio analítico-sintético, caracterizado pela decomposição das palavras em letras ou em sílabas.” (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 23-24).

Ante o exposto, as escritoras demonstram acreditar que a utilização dos métodos se faz necessária na prática pedagógica, já que “o professor necessita trilhar um caminho em que ele

seja capaz de compreender que a maioria das situações de produção do discurso oral e escrito é nova e estranha aos alunos.” (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 26). Portanto:

A apropriação do sistema de escrita alfabética comporta especificidades que demandam um professor com capacidade de entender que a aprendizagem da leitura e da escrita se faz, por exemplo, se o aluno reconhece as relações entre fonemas e grafemas. (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 26).

Visto isso, torna-se indispensável conceituar o processo de alfabetização considerando a definição de letramento, em que vários autores admitem ambos os termos indissociáveis e inseparáveis. De acordo com Val (2006, p. 19), “a alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares.” Os autores partem da definição de letramento como sendo:

[...] o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, como a leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo. (VAL, 2006, p. 19).

A definição de uma criança alfabetizada não significa necessariamente e automaticamente uma criança letrada, pois é “completamente possível que os indivíduos passem pela escola, aprendam técnicas de decifração do código escrito, são capazes de ler palavras e textos, mas que não se utilizam da língua escrita em situações sociais que requeiram habilidades mais complexas.” (VAL, 2006, p. 19). Para Soares (2020), “os processos de alfabetização e letramento não devem dissociar-se, a criança se alfabetiza e se letra de forma simultânea”. A autora elucida que alfabetização e letramento:

Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

O processo de letramento é uma etapa de extrema importância na vida escolar de um indivíduo, considerando que, a partir desse contexto, o aluno irá vivenciar importantes momentos em todos os seus meios sociais, culturais e familiares. Para tanto, sabe-se que a descontinuidade das convivências, imposta pela covid-19 e por consequência o isolamento social, trouxe grandes desafios para se pensar uma nova forma de fazer com que a alfabetização ocorra e os discentes tenham se apropriado do sistema de escrita alfabética. Com relação aos desafios e a importância da mediação do professor no processo de alfabetização, em uma entrevista à revista Futura & Educação, a escritora Magda Soares considera que:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar”. (SOARES, 2020).

Portanto, repensar e readequar o processo de alfabetização e letramento na vida educacional dos estudantes tornou-se algo necessário diante da realidade imposta pela crise de saúde sanitária emergencial. Tendo em vista que o novo e precário cenário social impactou a vida de toda a sociedade, com o ambiente escolar não seria diferente, viu-se que a impossibilidade da presencialidade nos espaços educacionais afetou a metodologia utilizada por professores, gestores e profissionais da educação. Com isso, os governos federal, estaduais e municipais, as secretarias de educação e as instituições educativas viram-se na necessidade de readequar o processo educacional para que esse impacto não prejudicasse tão fortemente a vida escolar dos indivíduos.

Por fim, este trabalho tem foco na alfabetização no período de pandemia justamente por reconhecer, junto com Magda Soares (2020), “que a atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e dos alfabetizadores na fase fundamental do processo de escolarização.” Dessa forma, torna-se necessário evidenciar o quão desafiador foi o processo de alfabetização na pandemia de covid-19.

#### **4 ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO PRESENCIAL X CONTEXTO PANDÊMICO**

O processo de alfabetização sempre ocorreu de forma presencial nas mais diversas instituições de ensino do país. Muitas foram as estratégias e mecanismos que se utilizavam para que houvesse êxito no desenvolvimento da leitura e escrita alfabética dos estudantes. As práticas e convivências sociais são extremamente importantes nesse período, pois as interações moldam e complementam as formas de entender e ler o mundo.

“Esse processo se dá em contexto social, no coletivo das relações complexas que envolvem a escola, o mundo do trabalho, a projeção social sobre o papel da escola e o impacto disso na formação humana.” (CONSTANT; MACHADO; LOPES, 2022, p. 40). No que se refere à prática pedagógica centrada nas interações sociais:

Nesse sentido, acreditamos que o professor alfabetizador deve trabalhar o ensino da língua materna pelo viés da prática social, que está situada em um contexto de inter(ação), o que contribui para que os educandos elaborem sentidos e possam

reconhecer-se, ou melhor dizendo, perceberem seus papéis na sociedade e no mundo. (FEITOSA; SILVA; GOMES, 2021, p. 03).

As práticas de alfabetização podem ser guiadas e intermediadas pelos docentes das mais variadas formas, tendo como base o documento orientador da escola, através de atividades lúdicas que vão auxiliar no estímulo do processo de leitura e escrita. No âmbito da presencialidade, as professoras e professores utilizavam-se da leitura de livros, contos, fábulas, atividades e ações que potencializasse a aprendizagem da criança. Val (2006, p. 19) considera como abordagens essenciais a serem trazidas aos alunos e alunas das séries de alfabetização os seguintes “componentes do aprendizado da escrita: 1) a compreensão e valorização da cultura escrita; 2) a apropriação do sistema de escrita; 3) a leitura; e, 4) a produção de textos escritos.”

O contexto pandêmico impediu e impossibilitou que as ferramentas antes utilizadas no ensino presencial dessem conta de toda a limitação que o fechamento das escolas e instituições trouxe. Diante dessa realidade, o que era possível de ser feito e executado nos ambientes físicos, como atividades de interação, leitura, produção escrita, entre outras estratégias, teve de ser adaptado e direcionado a um método voltado para o ensino remoto, a fim de que alunos e alunas do país e do Distrito Federal, que se encontravam na etapa da alfabetização, tivessem, de alguma forma, seu aprendizado garantido.

Visto isso, a Secretaria de Educação do Distrito Federal utilizou-se de algumas ferramentas virtuais para facilitar e intermediar o processo de aprendizagem das crianças, incluindo os que estavam na etapa da alfabetização. O documento orientador foi intitulado de: “Gestão Estratégica para a Realização das Atividades Pedagógicas Não Presenciais na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal”. Com relação à organização do trabalho pedagógico, houve a seguinte orientação: “serão desenvolvidas pelos professores de todas as etapas e modalidades da Educação Básica, atividades pedagógicas remotas para seus estudantes, por intermédio de estratégias e recursos adequados para o acompanhamento pedagógico.” (DISTRITO FEDERAL, 2020a, p. 13). No que diz respeito às atividades:

As atividades poderão ser disponibilizadas tanto nas salas de aula virtuais da plataforma Escola em Casa DF – Google Educação, quanto por meio de material físico (livros e/ou atividades impressas), a princípio destinado aos estudantes que não têm acesso à plataforma, produzido pelas próprias Unidades Escolares, em parceria com a UNIEB, tendo em vista a garantia da autonomia pedagógica para a equipe docente e respeitando-se as peculiaridades de cada escola e as modalidades de ensino ofertadas. A realização das atividades pedagógicas não presenciais impressas será acompanhada mediante a entrega destas à Unidade Escolar que serão avaliadas pelo professor regente. (DISTRITO FEDERAL, 2020c, p. 13).

As propostas metodológicas das atividades nas plataformas e mediante materiais impressos para o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) - 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

“contará com atividades disponibilizadas pelos professores desses anos na plataforma *Google Classroom*, que poderá ser usada pelas famílias com acesso à internet.” (DISTRITO FEDERAL, 2020c, p. 18). Para as famílias que não possuíam esse acesso, recomendou-se a distribuição de materiais impressos alinhados com os conteúdos disponibilizados na plataforma. Contudo, o plano orienta que:

[...] as atividades para o BIA não devem se limitar a atividades instrutivas e/ou materiais impressos, tendo em vista que a criança aprende a partir de brincadeiras e interações. Nesse sentido, é fundamental considerar que a execução destas atividades ficará sob responsabilidade das famílias, que deverão ser orientadas, observando as limitações de cada família, pela escola como proceder apoiando o processo de ensino aprendizagem remoto de seus filhos. (DISTRITO FEDERAL, 2020c, p. 18).

A gestão estratégica tomou por base “pautar a organização curricular de acordo com os objetivos de aprendizagem em relação à apropriação do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) de forma contextualizada, utilizando eixos temáticos (gênero textual).” (DISTRITO FEDERAL, 2020c, p. 18). Portanto:

As atividades propostas devem considerar os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes, de forma que possam orientar melhor as famílias a identificar o nível de alfabetização da criança. Apresentando comandos de simples compreensão, inclusive para crianças que ainda não sabem ler. Como estratégia de atendimento específico dos tempos de aprendizagem de cada estudante, sugerem-se atividades diversificadas como um reagrupamento virtual, explorando os diversos letramentos tendo o gênero textual como elemento norteador. Será fundamental a perspectiva de ciclo de aprendizagem com sequências que se interligam a cada aula, podendo contemplar a interdisciplinaridade, considerando matrizes de referência. As atividades a serem elaboradas para o BIA devem trabalhar as competências referentes ao desenvolvimento da consciência fonológica e que sejam interdisciplinares, vindo de forma articulada, tendo a escola autonomia para readequar seu currículo de acordo com as dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos discentes. (DISTRITO FEDERAL, 2020c, p. 18).

Em face do exposto, nota-se uma grande fragilidade no que diz respeito à maneira em que ocorreu as práticas de alfabetização, considerando o período presencial, em que as atividades tinham como base a interação social das crianças, a possibilidade de leitura de textos, intermediados pelos docentes, as brincadeiras que relacionavam a apropriação do sistema de escrita alfabética, entre outras intervenções pedagógicas que impulsionam esse processo. Por outro lado, tem-se a impossibilidade das interações e da presencialidade nas instituições, o que acabou impedindo que todas essas e as demais ações, mediadas pelos alfabetizadores, tivessem seus devidos efeitos na apropriação da leitura e escrita das crianças.

## **5 METODOLOGIA**

Esta seção apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, descrevendo os procedimentos necessários e úteis para identificar os desafios e as estratégias da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19 junto às turmas de alfabetização. Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa. Com o intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório com professores alfabetizadores de uma escola pública do Distrito Federal.

Diante disso, a utilização da abordagem qualitativa de pesquisa se dá por compreender que o tema se trata de um fenômeno recente, e por isso, os dados e informações ainda são poucos, diante de uma realidade pandêmica que transformou as relações sociais e o contexto escolar. Portanto, através da pesquisa qualitativa foi possível abordar e apontar as falhas e lacunas do ensino remoto, assim como apresentar as estratégias que muitos alfabetizadores utilizaram para que o processo de alfabetização ocorresse no período de ensino remoto.

Dessa forma, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória que, de acordo Piovesan e Temporini (1995, p. 324), “com a pesquisa exploratória permite-se um conhecimento mais completo e mais adequado da realidade. Assim, o alvo é atingido mais eficientemente, com mais consciência.” Para tanto, foi utilizada a entrevista semiestruturada que norteou o diálogo com três professores alfabetizadores de uma instituição pública.

A entrevista foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal, que fica a cerca de 48 km do centro de Brasília. A instituição dispõe de indivíduos imersos em uma realidade socioeconômica de vulnerabilidade, em que muitas das famílias dependem dos benefícios oferecidos pelos governos Federal e Distrital. Um número considerável de alunos mora nas localidades rurais da cidade e contam com disponibilização gratuita de ônibus e vans escolares que fazem esse trajeto de casa à escola, sendo que boa parte das famílias precisam e sobrevivem com recursos das políticas públicas do governo. Os três professores alfabetizadores entrevistados fazem parte da SEEDF, em média, há 8 anos, todos tiveram de lidar com turmas de 1º a 3º ano durante o período de ensino remoto, e com o retorno presencial das turmas, o trio permanece dando aulas nesses mesmos anos/séries.

A receptividade dos profissionais de educação da escola foi ótima, desde os colaboradores da limpeza, à secretaria, diretora e professores. A escolha pelos entrevistados foi sugerida pela diretora da instituição. Utilizou-se como único critério para realização da entrevista: professores e professoras que lecionaram nos primeiros, segundos e terceiros anos durante o período de ensino remoto.



A entrevista semiestruturada com os três professores alfabetizadores foi registrada através de gravação de voz. A autorização para gravar deu-se por meio da explicação do tema e objetivo da pesquisa e, logo em seguida, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que será guardado mantendo o sigilo dos profissionais, e que permite a utilização dos dados coletados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa.

A utilização dos nomes aqui citados deu-se de forma fictícia, para que haja o resguardo dos mesmos e de suas verdadeiras identidades. A primeira entrevistada, a professora Joana, atuou em turmas de 1º e 2º anos durante o ensino remoto e, atualmente, dá aulas às turmas de 2º ano do ensino fundamental I. Já a professora Tânia, lecionou nos 1º anos remotamente e também instrui o mesmo nível no período atual. Por fim, o professor João atendeu turmas de 2ºs anos no processo de alfabetização remoto e hoje trabalha com crianças dos 3ºs anos. Todos os entrevistados foram abertos e dinâmicos em suas participações e colaboraram imensamente para a realização desta pesquisa.

## **6. INFORMAÇÕES DA PESQUISA**

Os resultados que aqui serão expostos vão considerar a visão e a vivência dos professores alfabetizadores entrevistados acerca dos desafios e as estratégias da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19 junto às turmas de alfabetização. Para uma melhor elucidação de suas falas e considerações, optou-se pela sistematização em três tópicos, sendo eles: 1º) a inviabilidade do processo de alfabetização durante o ensino remoto; 2º) a participação da família e suas influências no processo de alfabetização durante o ensino remoto; 3º) as estratégias utilizadas pelos professores para a alfabetização no ensino remoto.

### **6.1 A INVIABILIDADE DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DURANTE O ENSINO REMOTO**

Os principais pontos trazidos pelos professores durante a entrevista com relação às inviabilidades no processo de ensino remoto nas turmas de alfabetização foram: a não garantia de acesso à internet e equipamentos tecnológicos, despreparo dos professores diante de algo nunca vivenciado, escassez de suporte pedagógico e técnico e também a falta do convívio social. Com relação às principais dificuldades encontradas remotamente, os professores admitem que:

A dificuldade maior foi a questão da acessibilidade por parte das crianças, principalmente por conta da região que elas habitam, sendo mais na zona rural. Então era muito difícil a questão do acesso, do meio à internet, o que se tornou quase inviável. Muitas crianças ficaram de fora do processo justamente por causa dessa

questão de a internet não ter uma qualidade maior e também em relação à questão dos equipamentos, algumas crianças que não tinham computador, não tinha celular, então isso ficou muito complicado mesmo. (Joana)

O acesso à internet, porque as crianças não tinham, então houve pouca participação. Somente uns 20% da turma que participavam das aulas online, os demais não compareciam. E aqueles que não participavam online buscavam atividade impressa aqui na escola uma vez na semana. Então ficava naquela coisa mecânica de só preencher folha. (Tânia)

A falta de contato pessoal com aluno não dá a noção real do desenvolvimento dele. Então quando a gente voltou presencialmente eu percebi que alguns alunos não estavam no nível que eu pensei que estavam por conta da interferência familiar que aconteceu. E a falta de acesso de alguns alunos por problemas de internet devido a questões econômicas. (João)

Nas falas dos docentes, percebe-se que não houve o suporte devido por partes dos órgãos governamentais, nem da SEEDF, uma vez que, mesmo habitando em uma zona rural, o estudante deveria ter o acesso à internet garantido, considerando a promessa de que: “aos estudantes de baixa renda, o governo anuncia que irá fornecer internet gratuita para acesso à plataforma.” (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p.30). Mas, percebe-se, através das experiências dos professores, o descaso por parte de quem deveria garantir o acesso. Assim, fica evidente que alunos que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica e social, foram os mais afetados durante o ensino remoto, o que revela concordância com Magda Soares (2020) em sua recente entrevista à revista futura quando a autora afirma que: “não tenho dúvidas sobre o efeito negativo dessa interrupção do processo de escolarização na qualidade, já precária, da alfabetização das crianças das camadas populares, resultado das desigualdades econômicas, sociais, culturais.”

Há de se admitir também que a falta do convívio social das crianças e das experiências vivenciadas no território escolar para o processo de escolarização e a apropriação da escrita e leitura foram completamente afetadas pela impossibilidade dos contatos pessoais impostos pela crise de saúde pública, partindo do pressuposto que:

Deve-se considerar que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorre a partir das interações estabelecidas no convívio social, tendo em vista que a linguagem proporciona a função de comunicação entre os pares, conduzindo-os à assimilação dos conhecimentos historicamente produzidos e reelaborados pela humanidade. (OLIVEIRA, 2021, p. 16).

O descaso dos órgãos e instituições que deveriam garantir o acesso à educação remotamente é explícito na fala dos docentes. Na visão dos professores, mesmo com tantas recomendações e prescrições nos documentos oficiais, os estudantes acabaram sendo deixados de lado, pois as propostas foram soltas e amplas, ao se tratar de uma complexidade imensa que é a educação e a escolarização de crianças nas fases do processo de apropriação de escrita e

leitura de forma remota. Em relação à precariedade de suportes oferecidos, a professora Joana constata que:

A secretaria, infelizmente, não ofereceu o suporte devido, eles focaram nas plataformas que deveriam ser utilizadas, mas que não funcionavam e não eram eficientes. Eles prometeram suportes para os alunos, mas de fato, sabe-se que essa entrega não foi feita, então a secretaria cometeu muitos erros. (Joana)

Portanto, percebe-se que a inviabilidade do processo de alfabetização nas séries iniciais foi fortemente afetada pelo ensino remoto, pois, nas falas dos professores há um imenso despreparo e também a falta de apoio da Secretaria no que diz respeito aos meios que deveriam garantir a apropriação do sistema de escrita e leitura durante esse período. Assim, o docente foi impossibilitado de mediar e garantir esse processo, uma vez que, por meio das telas não é possível certificar que os saberes chegarão de fato a quem se interessa, que é o aluno. Dessa forma, constatou-se que o ensino remoto comprometeu e afetou, negativamente, o processo de alfabetização das crianças.

## **6.2 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DURANTE O ENSINO REMOTO**

No que diz respeito às influências e participações da família das crianças, durante o ensino remoto os entrevistados foram concordes ao afirmar que os familiares podem tanto influenciar significativamente de forma positiva quanto negativa, uma vez que, tendo o suporte das pessoas com que mora, aquela criança há de ter um sucesso e até mesmo uma aprendizagem considerável. Mas, quando ocorre o contrário, a criança não alcança os objetivos esperados pelos professores, conseqüentemente não há o processo de aprendizagem expressivo. Diante de tais considerações, a fala dos alfabetizadores com relação aos suportes oferecidos pelos familiares elucidam que:

A questão da família, que é todo um divisor de águas, tenho 8 anos de trabalho nessa escola e eu nunca tinha tido uma turma com uma família tão participativa quanto essa de agora. Então, sim, a família contribui bastante é o todo divisor, tanto no remoto e no presencial. (Joana)

A gente percebia que a participação da família também era super importante, então aquelas famílias que acompanhavam e participavam das aulas online, tiveram ganhos significativos. Alguns pais não sabiam fazer a utilização dos meios oferecidos pela secretaria, pois não possuíam e não tinham habilidades para o manuseio dos instrumentos. Então, percebemos que pais e famílias mais participativos contribuíram para o processo de alfabetização da criança. (Tânia)

Alunos que possuíam acesso à internet e participação da família, ou seja, tinham suporte, foram de certa forma alcançados. Mas, os que não tinham, ficaram com essa defasagem, eu não sei o motivo real, a gente tem que fazer uma pesquisa bem detalhada a respeito, mas havia um acesso ao material impresso e muitos não

pegavam, sempre tinham uma desculpa para não recolher o material impresso oferecido pela escola. (João)

Por meio dos discursos dos docentes, é possível perceber que famílias que possuem maior renda e socioeconomicamente mais favoráveis tiveram como dar o devido suporte àquela criança que estava sob sua responsabilidade. Em contrapartida, os indivíduos das camadas mais populares e economicamente vulneráveis não dispunham de assistências que deveriam ser oferecidas, e, como consequência, não puderam ou conseguiram adequar-se à rotina do ensino remoto, uma vez que não foram devidamente assistidos pela secretaria e até mesmo pela escola. A professora Tânia explicita que “para alguns alunos não houve a aprendizagem adequada, pois a situação econômica dos pais comprometeu a aquisição dos suportes necessários, devido a isso, a alfabetização da criança foi comprometida”.

Tem de se reconhecer, ainda, o desafio de alfabetizar crianças quando não se possui a devida formação e saberes, mesmo que isso seja feito em famílias que possuem maior renda, quando os mesmos não têm os conhecimentos específicos para tal finalidade. Por outro lado, a situação se agrava quando se fala de sujeitos que não detém poder aquisitivo para a facilitação desse processo. A afirmativa é comprovada em Magda Soares (2020), “a presença do alfabetizador muito dificilmente pode ser substituída por um adulto não formado para essa ação educativa”. Portanto, as dificuldades em acompanhar essas crianças foram extremamente acentuadas durante o período de isolamento.

Nesse sentido, o impacto da realidade imposta pela covid-19 afetou todos os indivíduos envolvidos no contexto escolar, desde servidores, alunos, pais, professores e quem vivencia tal cotidiano, pois os mesmos não foram preparados previamente, e por se tratar de um vírus que ocasionou tantas mortes, muitas famílias tiveram e sentiram a perda de pessoas e parentes próximos. Com isso, alfabetizar sem o devido preparo acadêmico, assim como ter de lidar com a realidade de uma pandemia, fez com que algumas crianças fossem prejudicadas durante o período de alfabetização. No que se refere ao devido acompanhamento e suporte aos familiares por parte dos órgãos e instituições competentes, Oliveira (2021) destaca a importância de uma análise prévia da realidade dos sujeitos:

[...] as dificuldades que os alunos apresentam em sala de aula em relação à leitura e a escrita, não devem jamais ser julgadas sem uma análise reflexiva sobre a vida cotidiana dos educandos. Nesse contexto, verifica-se que é importante primeiramente, analisar a realidade externa e interna dos alunos inseridos no ambiente escolar, pois, é necessário conhecer realmente a vida, os sentimentos, os sofrimentos, a rotina e a família dos alunos que chegam até a escola e que apresentam as dificuldades de aprendizagem. (OLIVEIRA, 2021, p. 64).

Dessa forma, fica em evidência as dificuldades enfrentadas pelas famílias no processo de alfabetização da criança pertencente àquele meio, pois foram incumbidas de uma responsabilidade sem que houvesse a assistência devida por parte de quem o deveria ter garantido, sendo os governos. Em muitos casos, as próprias famílias tiveram de buscar por suportes tecnológicos. Assim, as falas dos alfabetizadores nos revelam e traduzem a grave realidade que ainda há de se encontrar na retomada do ensino presencial, pois as dificuldades enfrentadas pelas crianças situadas nas séries/anos das turmas de alfabetização ficarão elucidadas da presencialidade.

### **6.3 AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES PARA A ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO**

Pensar estratégias, ou até mesmo possibilidades, para que as crianças alcançassem os objetivos para cada série da alfabetização se tornou algo necessário e urgente para a prática dos professores alfabetizadores, tendo em vista o contexto remoto. Considerou-se que os documentos orientadores da SEEDF para o ensino remoto foram vagos e amplos, não contemplando as práticas alfabetizadoras para as séries de alfabetização. Então, os docentes foram criando suas próprias alternativas diante de um contexto educacional não presencial. A respeito das estratégias que foram utilizadas para as turmas de alfabetização durante o ensino remoto, os professores recorreram à suportes próprios e não necessariamente indicados em documentos, foram eles:

Eu usava muita coisa lúdica, material concreto que eu fazia e mostrava para eles na aula online. Também fiz um kit para alfabetização que tinha vários jogos de alfabeto, o tapetinho mágico, etc. Então, eu fiz o material e deixei aqui na escola para eles buscarem e no dia da aula online a gente utilizava. Era dado material concreto, colherzinha, essas coisas concretas, por meio deles encontrei alternativas. (Tânia)

De diferente modo, o professor João utilizou como estratégia o atendimento aos alunos que não acompanhavam as aulas online por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, ele informa que:

Para os alunos que não tinham acesso à aula online, eu usei o WhatsApp, chamada de vídeo, pedia também que me enviassem as atividades por foto, no próprio WhatsApp, e partir dali eu utilizei como alternativa o reforço escolar através do WhatsApp, como uma maneira de auxílio mais direcionado ao aluno com dificuldades. E aí foi dando certo. (João)

Já a professora Joana considera que não há uma metodologia ou até mesmo uma estratégia possível diante de um ensino que não seja o presencial, pois em sua fala, a mesma pondera que:

[..] então, assim, não tem uma metodologia para você seguir, não tem uma metodologia específica que eu possa falar que liguei a isso. Eu vejo que é quase impossível você descrever uma metodologia própria. Então, você tem que tentar atingir o aluno da melhor maneira possível se virando nos trinta. E ainda sim você lida com a falta de material, a falta de recurso, que infelizmente nós estamos desprovidos. (Joana)

A autora Magda Soares (2016, p.333) propõe uma alfabetização em que não dependa somente de um método, ou até mesmo de métodos específicos, mas, que a partir da compreensão do alfabetizador acerca dos processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização, o mesmo desenvolva atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança. Portanto, no contexto de ensino remoto houve a necessidade de valer-se de estratégias de alfabetização, e não somente de um método específico, tornando-se uma realidade na prática pedagógica do professor alfabetizador.

Além disso, a fala de Joana retrata uma realidade totalmente comum aos professores que se viram na obrigação de trazer e agregar práticas e ensinamentos de modo urgente em seu fazer pedagógico, mesmo não sendo preparados para tal situação. Uma vez que a Secretaria de Educação do Distrito Federal não dispôs de documentos e planejamento pedagógico unificado que, mesmo considerando a autonomia escolar e docente, fosse capaz de garantir às crianças o direito de aprender os conteúdos principais, de forma que as dificuldades do processo de alfabetização fossem minimizadas.

Torna-se perceptível que mesmo recorrendo a procedimentos que fossem capazes de oferecer àquela criança uma alternativa no processo de apropriação da escrita e leitura, constatou-se o insucesso por parte dos professores de alfabetizar crianças no contexto do ensino remoto. A professora Tânia assume que não houve aprendizagem significativa<sup>3</sup> no que se refere ao processo de apropriação da escrita e leitura das crianças. “A alfabetização não ocorreu de forma significativa, crianças evadiram, foram embora. Então, o processo não atingiu a todas elas.” Em contrapartida, o professor João e a professora Tânia relatam que mesmo em meio às dificuldades, alguns alunos foram alfabetizados remotamente. “Teve criança que foi alfabetizada e conseguiu participar de todo o processo, então teve sucesso por todas as questões envolvidas e que possuíam um mínimo de estrutura”. “Teve criança que foi alfabetizada no momento on-line, algumas conseguiram se alfabetizar, mas nem todas, então é muito relativo”.

---

<sup>3</sup> Aprendizagem significativa na acepção de Ausubel, definida como: “aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos.” FERNANDES, Elisângela. David Ausubel e a aprendizagem significativa. Nova Escola, 2011. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa>>. Acesso em: 22/08/2022.

Assim, fica elucidado que o ensino remoto impôs limites e barreiras no que concerne ao aprendizado das crianças nos anos iniciais para aquisição da escrita e leitura. Pois, mesmo aplicando práticas sugestivas na docência praticada de forma remota, a crise de saúde pública impôs dificuldades que nem mesmo valendo-se de possíveis caminhos os professores entrevistados obtiveram ganhos significativos, o que é: fazer com que a maioria da turma atingisse níveis de aprendizagem e alfabetização. A professora Joana destaca o declínio desse momento: “A pandemia e o ensino remoto deixaram um retrocesso muito grande, principalmente para as crianças na fase da alfabetização, o que foi muito prejudicial”.

Portanto, conclui-se que nem mesmo valendo-se de estratégias para a alfabetização de crianças no ensino remoto, obteve-se ganhos significativos para o processo de alfabetização. Partindo do pressuposto que:

A alfabetização se dá nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e é uma etapa compreendida como alicerce, pois é nessa fase que ocorre o processo de aquisição da leitura e da escrita, habilidades essenciais para o desenvolvimento de toda a aprendizagem escolar futura, devendo ocorrer com qualidade e atendendo às necessidades dos educandos. (OLIVEIRA, 2021, p. 25).

Assim, percebe-se na fala dos entrevistados que esse desenvolvimento não ocorreu com a devida qualidade e nem mesmo atendeu as necessidades de cada criança, dado o fato de que nem todas elas foram alfabetizadas, ainda de acordo com os professores. Portanto, a distância física e o encontro não presencial favorecem o distanciamento e a percepção da noção real do andamento do processo de alfabetização das crianças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A crise de saúde pública ocasionada pela covid-19 vem sendo vivenciada pelos brasileiros desde o início de 2020. Ela tem trazido e imposto diversas mudanças na rotina da sociedade como um todo. As práticas sociais de convivência tiveram de ser adaptadas para que o contágio pela doença fosse contido, ocasionando então o fechamento de escolas e instituições em todo o país.

A escolarização é um processo importante na vida do indivíduo, no qual a criança irá desenvolver-se através das práticas sociais, saberes e aprendizados adquiridos na vivência escolar. Portanto, por fazer parte do processo de escolarização, a pesquisa discorre acerca das definições de alfabetização, assim como de que forma deu-se o seu processo em meio ao isolamento social ocasionado pela covid-19. Tendo em vista que, devido ao fechamento de escolas, alunos e alunas em todo o país viram-se impedidos de frequentar aulas presencialmente.

Então, como uma possível saída e uma estratégia urgente, o Distrito Federal impôs através de decretos, orientações, documentos à toda rede do DF o ensino remoto.

Os objetivos do estudo foram alcançados, tendo em vista que foi possível identificar os desafios e alternativas da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19, analisar os desafios encontrados na implantação das atividades remotas para o processo de alfabetização, investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores no ensino remoto, sendo possível também constatar quais foram os suportes utilizados no ensino remoto para o processo de alfabetização. Com isso, foi possível constatar que o processo de alfabetização durante o ensino remoto em uma escola pública do Distrito Federal, contribuiu significativamente para os desafios perpassados na apropriação de leitura e escrita de crianças, dificultando o processo de ensino aprendizagem.

Em vista disso, observou-se as inviabilidades no processo de ensino remoto nas turmas de alfabetização e suas principais causas, como: a não garantia de acesso à internet e equipamentos tecnológicos, despreparo dos professores diante de algo nunca vivenciado, escassez de suporte e assistência da Secretaria de Educação e também a falta do convívio social.

Evidenciou-se também, de forma indireta, por meio de assunções dos professores, as dificuldades enfrentadas pelas famílias no processo de alfabetização da criança no ambiente de casa. As famílias foram incumbidas de uma responsabilidade sem que houvesse a assistência devida por parte de quem o deveria ter garantido. Em muitos casos, as próprias famílias tiveram de buscar por suportes tecnológicos.

Por fim, verificou-se que mesmo recorrendo a procedimentos que fossem capazes de oferecer àquela criança uma alternativa no processo de apropriação da escrita e leitura, constatou-se o insucesso por parte dos professores em alfabetizar alunas e alunos no contexto do ensino remoto. Afinal, não houve a disposição de documentos e planejamento pedagógico unificado que, mesmo considerando a autonomia escolar e docente, fosse capaz de garantir às crianças o direito de aprender os conteúdos principais, de forma que as dificuldades do processo de alfabetização fossem minimizadas.

Dessa maneira, conclui-se que esse estudo contribui para uma melhor percepção da realidade imposta pelo ensino remoto nas turmas de alfabetização da escola pública do Distrito Federal, assim como o percebimento dos alfabetizadores diante da vivência do ensino remoto. Portanto, o trabalho poderá nos conduzir a uma melhor maneira de lidar com novas ondas de infecções e consequentes suspensão de aulas, pois irá nos oferecer uma percepção da realidade imposta pelo ensino remoto nas turmas de alfabetização e em como se deu esse processo.



## REFERÊNCIAS

CONSTANT, Elaine; MACHADO, Maria Letícia Cautela de Almeida; LOPES, Paula da Silva Vidal Cid. **Processos de alfabetização: princípios, políticas e estratégias para a diversidade dos modos de aprender e de ensinar**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 36-63, jan./abr. 2022.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 13/07/2022.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 40.509, de 11 de março de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências**. Diário Oficial do Distrito Federal, ed. extra nº25, Brasília, DF. 11 mar. 2020. Disponível em: [http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2020/03\\_Mar%C3%A7o/DODF%20025%2011-03-2020%20EDICAO%20EXTRA/DODF%20025%2011-032020%20EDICAO%20EXTRA.pdf](http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2020/03_Mar%C3%A7o/DODF%20025%2011-03-2020%20EDICAO%20EXTRA/DODF%20025%2011-032020%20EDICAO%20EXTRA.pdf). Acesso em: 13/07/2022.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 40.539, de 19 de março de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências**. Diário Oficial do Distrito Federal, Brasília, DF. 19 mar. 2020. Disponível em: [http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ac087b76d5f34e38a5cf3573698393f6/Decreto\\_40539\\_19\\_03\\_2020.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20medidas%20para,Art.>](http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ac087b76d5f34e38a5cf3573698393f6/Decreto_40539_19_03_2020.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20medidas%20para,Art.>). Acesso em: 13/07/2022.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 40.583, de 01 de abril de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus**. Diário Oficial do Distrito Federal, ed. extra nº44, Brasília, DF. 01 abr. 2020. Disponível em: [http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2020/04\\_Abril/DODF%20044%2001-04-2020%20EDICAO%20EXTRA/DODF%20044%2001-042020%20EDICAO%20EXTRA.pdf](http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2020/04_Abril/DODF%20044%2001-04-2020%20EDICAO%20EXTRA/DODF%20044%2001-042020%20EDICAO%20EXTRA.pdf). Acesso em: 13/07/2022.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Orientação para as aulas por meio de atividades não presenciais – Aos estudantes**, 2020. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/orienta%C3%A7%C3%B5es-aos-estudantes-aulas-n%C3%A3opresenciais.pdf>. Acesso em: 21/07/2022.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Orientação para as aulas por meio de atividades não presenciais – Aos professores**, 2020. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp->

conteudo/uploads/2020/06/orienta%C3%A7%C3%B5es-aos-professores-aulas-n%C3%A3o-presenciais.pdf>. Acesso em: 21/07/2022.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Gestão Estratégica para a Realização das Atividades Pedagógicas Não Presenciais na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**, 2020. Disponível em:<[https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Plano\\_de\\_Validacao\\_das\\_Atividades\\_Pedagogicas\\_Nao\\_Presenciais\\_VERSAO\\_FINAL.pdf](https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Plano_de_Validacao_das_Atividades_Pedagogicas_Nao_Presenciais_VERSAO_FINAL.pdf)>. Acesso em: 21/07/2022.

FEITOSA, Danillo da Silva; SILVA, Alison Douglas Lima da; GOMES, Yana Liss Soares. **Alfabetização/letramento e prática pedagógica: perspectiva de ensino de língua materna no 3º ano do Ensino Fundamental**. Congresso Brasileiro de Alfabetização, Florianópolis - SC, p. 01-11, ago, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. **Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as)**. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliane Borges C. de; LEAL, Telma Ferraz (orgs). In: Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.

OLIVEIRA, Sonia Fernandes de. **Os Desafios da Alfabetização e Letramento nas Séries Iniciais na Perspectivas do Ensino e Aprendizagem na Rede Municipal em Lambari D' Oeste - MT**. Sonia Fernandes de Oliveira. – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2021.

PIOVESAN, A, TEMPORINI, ER. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para estudos de fatores humanos no campo da saúde pública**. Rev Saúde Pública 1995;29:318-25.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo. Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** [Entrevista concedida a] Emy Lobo. Futura & Educação. 2020. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 14/07/2022.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S141324782004000100002>

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). Práticas de Leitura e Escrita. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.